

Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano III - nº 25 - Fevereiro/2022 - ISSN 2675-2573

ISSN 2675-2573



2

ANOS

EVOLUINDO COM VOCÊ



#AMOR

#ORGULHO



www.primeiraevolucao.com.br

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Ana Paula de Lima

Andréia Fernandes de Souza

Isac dos Santos Pereira

Vilma Maria da Silva

Organização:

Andréia Fernandes de Souza

Vilma Maria da Silva

Colaboradores:

Cleia Teixeira da Silva Oliveira

Isac dos Santos Pereira

José Wilton dos Santos

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Adriana Santos Morgado

Alecina do Nascimento Santos

Alessandro Rodrigues da Costa

Cristiana Ferreira Sousa Neves

Daniela da Silva Souza

Diego Daniel Duarte dos Santos

Dulcilene dos Santos Lopes Siqueira

Evelice de Souza Evangelista

Giselle de Araujo Meneguetti Paganeli

Joseneide dos Santos Gomes

Juliana Aparecida Pinheiro de Araujo

Laura Veiga Antoniazzi Fernandes da Silva

Marta Batista Justino Caetano

Mineiva Medina Rodrigues Silva

Patrícia Mendes Cavalcante de Souza

Rafaela Figueiredo de Oliveira

Renato Souza de Oliveira Carvalho

Simoni Alves Pereira Almeida

Tânia de Jesus Alves

Terezinha Joana Camilo

Vanessa Izidorio de Arruda Domingues



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.25>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano III, n. 25 (fev. 2022). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2022.

132 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877



São Paulo
2022

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Comissão editorial:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

José Roberto Tenório da Silva

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima

Denise Mak

Patrícia Tanganelli Lara

Thaís Thomas Bovo

Veneranda Rocha de Carvalho

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeilson Batista Lins

Profa. Esp. Ana Paula de Lima

Profa. Me. Andreia Fernandes de Souza

Profa. Dra. Denise Mak

Prof. Me. Isac dos Santos Pereira

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

Profa. Me. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara

Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Profa. Me. Veneranda Rocha de Carvalho

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colaboradores especiais:

Cleia Teixeira da Silva Oliveira

Isac dos Santos Pereira

José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado

José Roberto Tenório da Silva

Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. (11) 98031-7887

Whatsapp: (11) 99543-5703

primeiraevolucao@gmail.com

https://primeiraevolucao.com.br

São Paulo - SP - Brasil

netomanuelfrancisco@gmail.com

Luanda - Angola

Imagens, fotos, vetores etc:

https://publicdomainvectors.org/

https://pixabay.com

https://br.freepik.com

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**

Produzida com utilização de softwares livres



Filiada à:



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

SUMÁRIO

05 APRESENTAÇÃO

Prof^ª. Ana Paula de Lima

COLUNAS

7 **Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes**

Isac dos Santos Pereira

8 **Semeando Ideias**

Cleia Teixeira da Silva Oliveira / José Wilton dos Santos



ARTIGOS

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/> - <https://pixabay.com> - <https://br.freepik.com>

1. Matemática, Ciências da Natureza e a Interdisciplinaridade Adriana Santos Morgado	15
2. A EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO FUNDAMENTAL Alecina do Nascimento Santos	21
3. DESENHO ARTÍSTICO UM MEIO TRANSFORMADOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL Alessandro Rodrigues da costa	25
4. A IMPORTÂNCIA DE ALFABETIZAR LETRANDO Cristiana Ferreira Sousa Neves	31
5. GEOMETRIA ESCOLAR: UMA BREVE REFLEXÃO Daniela da Silva Souza Santos	37
6. CRIMES CONTRA A FAUNA – A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO NA SALA DE AULA Diego Daniel Duarte Dos Santos	43
7. O Surdo no Ensino Superior Possibilidades E Estratégias Dulcilene dos Santos Lopes Siqueira	47
8. AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA QUANTO AOS DISTÚRBIOS DA APRENDIZAGEM Evelice de Souza Evangelista	53
9. A ATUAÇÃO DO PROCESSAMENTO AUDITIVO NA ALFABETIZAÇÃO Giselle de Araujo Menegueti Paganel	57
10. AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS Joseneide dos Santos Gomes	65
11. EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM SÃO PAULO: CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA LEGISLAÇÃO Juliana Aparecida Pinheiro de Araujo	71
12. A PINTURA ZENGA: UM ESTUDO EM DEFESA DAS PRÁTICAS CONTEMPLATIVAS Laura Veiga Antoniazzi Fernandes da Silva	77
13. LUDICIDADE E A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL Marta Batista Justino Caetano	85
14. ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E O PAPEL DO EDUCADOR Mineiva Medina Rodrigues Silva	89
15. A VALORIZAÇÃO DO BRINCAR NA INFÂNCIA Patrícia Mendes Cavalcante de Souza	95
16. A ARTE COMO CONTEÚDO CURRICULAR E SUA RELEVÂNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR Rafaela Figueiredo de Oliveira	101
17. A INTERDISCIPLINARIDADE DE GEOGRAFIA E CIÊNCIAS DA NATUREZA Renato Souza de Oliveira Carvalho	107
18. REFLEXÕES SOBRE ASPECTOS DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TDAH Simoni Alves Pereira Almeida	113
19. AFETIVIDADE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA Tânia de Jesus Alves	117
20. A INTERVENÇÃO DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM Terezinha Joana Camilo	125
21. A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL Vanessa Izidorio de Arruda Domingues	129

AFETIVIDADE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

TÂNIA DE JESUS ALVES

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo pesquisar a importância que a afetividade tem no processo educativo e na prática pedagógica, pois é sabido que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência. A afetividade está relacionada ao processo ensino-aprendizagem, pois toda e qualquer demonstração de emoção faz parte do constituir-se como sujeito, na formação do “eu” em todo processo de educação. Os sentimentos e emoções dos educandos precisam ser levados em consideração, já que podem favorecer ou desfavorecer o desenvolvimento cognitivo. A afetividade na própria relação professor-estudante é outro aspecto que deve ser considerado, pois eles adquirem e modificam seus comportamentos, conhecimentos e atitudes por meio da observação de seus professores. Para pedagogos, a afetividade deve estar presente em toda relação no processo ensino-aprendizagem porque, atualmente, encontramos muitos indivíduos carentes, seja na Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) ou no Ensino Superior. O processo de desenvolvimento humano está diretamente ligado à emoção, assim, toda e qualquer demonstração de emoção faz parte da constituição do sujeito. Um educador contemporâneo deve conhecer aspectos do desenvolvimento afetivo e cognitivo e inseri-los em suas práxis, pois a relação professor-estudante não se reduz, apenas, à construção do saber.

Palavras-chave: Afeto. Desenvolvimento. Emoções. Formação. Práxis.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho destina-se a estudar o quanto a afetividade pode interferir ou não na prática pedagógica do ensino superior.

É incontestável que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação e, conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência.

Sendo assim, podemos considerar de duas maneiras diferentes as relações entre afetividade e inteligência. A verdadeira essência da inteligência é a formação progressiva das estruturas operacionais e pré-operacionais. Na relação entre inteligência e afeto, postula-se que o afeto faz ou pode causar a formação de estruturas cognitivas.

O psicólogo francês Henry Wallon diz que a emoção é a fonte do conhecimento. Uma segunda interpretação é que o afeto explica a aceleração ou retardamento da formação das estruturas; aceleração no caso de interesse e necessidade, retardamento quando a situação afetiva é obstáculo para o desenvolvimento intelectual.

Portanto, afetividade é um termo usado para designar e resumir não só os afetos, mas também os sentimentos de agrado ou desagradado, enquanto o afeto é definido como qualquer espécie de sentimento.

Entretanto, no trabalho educativo cotidiano não existe uma aprendizagem meramente cognitiva ou racional, pois os estudantes não deixam os aspectos afetivos que compõem sua personalidade do lado de fora da sala de aula, quando estão interagindo com os objetos de conhecimento.

Desta forma, a afetividade está relacionada ao processo ensino-aprendizagem, pois toda e qualquer demonstração de emoção faz parte do constituir-se como sujeito, a formação do “eu” propriamente dita e todo processo de educação também faz parte da construção do indivíduo. Em qualquer ambiente que o indivíduo esteja a construção do “eu” acontece gradativamente, mas o aspecto afetivo continua muito presente.

Acerca destes fundamentos, educar com amor e para o amor, enobrece, realiza, liberta e conscientiza; esta afetividade não assusta, mas sim valida um compromisso com os educandos, porém não se pode deixar a afetividade interferir na ética profissional para que haja um descumprimento do dever de professor, pois a ética é muito importante inserida no campo afetivo, partindo da premissa de que com o amor tudo se constrói, mas não podemos cair na libertinagem e sermos reféns e rotulados como professores 'bonzinhos' por deixar a afetividade tomar conta de todo espaço educativo. Faz-se necessário um contraponto de equilíbrio para uma conduta ética e eficaz na concepção de novos aprendizados.

Assim sendo, destacaremos a dimensão afetiva na educação, de que forma a afetividade atua na educação e qual a relação entre afetividade e o desenvolvimento mental e da inteligência. Como é vista a ética profissional sob uma óptica afetiva e como a afetividade pode conduzir a prática pedagógica. Além disso, a práxis pedagógica colaborando para tornar os profissionais mais reflexivos, utilizando-se de ética sob uma óptica afetiva para um bom desempenho nas aulas do ensino superior.

A DIMENSÃO AFETIVA NA EDUCAÇÃO

Os termos sentimentos, emoções e afetividade são comumente empregados como sinônimos em nossa linguagem coloquial cotidiana. Porém os autores apontam diferenças entre seus significados e suas funções.

Damáσιο (apud Arantes, 2003) acredita que as emoções são conjuntos complexos de reações químicas e neurais, determinadas e dependentes de mecanismos cerebrais. Considera ainda, que as emoções usam o corpo como marionete e afetam o modo de operação de inúmeros circuitos cerebrais. Contudo, as emoções são internalizadas no organismo e têm um papel bastante flexível no funcionamento corporal e psíquico do ser humano; alegria, tristeza, raiva, vergonha, culpa, ciúmes, calma e tensão fazem parte dos nossos mecanismos que visam à sobrevivência e ao nosso bem-estar.

Para Damáσιο (apud Arantes, 2003) o termo sentimento está relacionado à experiência mental privada de uma emoção. Emoções e sentimentos estão juntos num contínuo funcional em que sentimos nossas emoções e sabemos que a sentimos por meio da consciência.

Portanto, as emoções e os sentimentos são elementos que constituem nossa dimensão afetiva. Afetividade é um termo usado para designar e resumir não só os afetos, mas também os sentimentos de agrado ou desagradado, enquanto o afeto é definido como qualquer espécie de sentimento.

Durante a vida escolar, os alunos experimentam diversos afetos como o prazer de realizar algo pela primeira vez, tristeza por ter um amigo doente, raiva ao discutir com um colega, medo ao responder as questões de uma avaliação, descontentamento com algum comentário feito por uma professora. Além disso, podem gostar ou não de seus professores, sentem-se felizes quando são aceitos por seus colegas e culpados quando não estudam o suficiente.

Assim sendo, os sentimentos e emoções dos alunos precisam ser levados em consideração, já que podem favorecer ou desfavorecer o desenvolvimento cognitivo. A afetividade faz parte do processo ensino-aprendizagem, não podendo desconsiderá-la. LaTaille, Dantas e Oliveira (1992) explicam que

[...] a afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações. Neste caso, não há conflito entre as duas partes. Porém, pensar a razão contra afetividade é problemático porque então, dever-se-ia, de alguma forma, dotar a razão de algum poder semelhante ao da afetividade, ou seja, reconhecer nela a característica de móvel, de energia [...]. (1992, p. 66)

Dessa forma, o desenvolvimento do educando é visto como uma construção progressiva em que fases se sucedem com predominância alienadamente afetiva e cognitiva.

Então, a afetividade na teoria walloniana é vista como instrumento de sobrevivência e, nesse sentido, de acordo os autores supramencionados, LaTaille, Dantas e Oliveira (1992), a afetividade impulsiona o desenvolvimento cognitivo ao instaurar vínculos imediatos com o meio social.

Portanto, conhecer aspectos do desenvolvimento afetivo e cognitivo é essencial para o educador preocupado com sua ação pedagógica em qualquer esfera ou espaço que ela esteja inserida. Entretanto, muitas vezes, faltam outros elementos para fundamentar a práxis, sobretudo para poder desenvolver a afetividade de seus educandos.

Assim, a educação deve, inicialmente, se concentrar na sondagem de quatro pontos: (1) como o educando procura resolver suas dificuldades, (2) seu nível de autoestima, (3) características de seu humor e (4) posturas diante de seus semelhantes resultantes de sua relação com a família, tais como autonomia, autoridade e estruturas de poder. A autora sugere atividades para desenvolver a afetividade no processo educativo, considerando três âmbitos que devam ser trabalhados, o emocional, o cognitivo e o comportamental (Ferreiro, 2001).

Os sentimentos modificam o pensamento, a ação e o entorno; a ação modifica o pensamento, os sentimentos e o entorno; o entorno influencia nos pensamentos, nos sentimentos e na ação; os pensamentos influenciam no sentimento, na ação e no entorno. (Marina in Arantes, 2003, p.7).

Por conseguinte, é de suma importância o desenvolvimento da afetividade no processo educacional. A afetividade na própria relação educador-educando é outro aspecto que deve ser considerado, pois, sejam eles de qualquer faixa etária, adquirem e modificam seus comportamentos, conhecimentos e atitudes por meio da observação de seus educadores.

Portanto, essa relação não pode ser reduzida à simples construção do saber, pois a relação envolve situações afetivas com motivação de ambas as partes envolvidas no desenvolvimento e aquisição do conhecimento. Os educadores precisam mudar suas ideias e posturas tradicionais de que apenas depositam informações nos educandos, desconsiderando a afetividade no processo ensino-aprendizagem.

Sendo assim, é importante uma maior sensibilização dos educadores para a necessidade de desenvolver a afetividade de seus educandos, contribuindo assim para que os mesmos se tornem seres humanos completos em todos os sentidos.

De acordo com Morin (2009, p.1),

Os sete saberes necessários à educação do futuro não têm nenhum programa educativo, escolar ou universitário. Aliás, não estão concentrados no primário, nem no secundário, nem no ensino universitário, mas abordam problemas específicos para cada um desses níveis. Eles dizem respeito aos setes buracos negros da educação, completamente ignorados, subestimados ou fragmentados nos programas educativos. Programas esses que, em minha opinião, devem ser colocados no centro das preocupações sobre a formação dos jovens, futuros cidadãos.

O autor, (Morin, 2009), a pedido da Organização das Nações Unidas (ONU), elaborou uma relação dos temas que não poderiam faltar para a formação do cidadão. Assim nasceu o texto Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. A lista dos temas começa com o estudo do próprio conhecimento, o ensino fornece conhecimento; o segundo tema abordado é a pertinência dos conteúdos, para que aprendam os problemas globais e fundamentais; na sequência o estudo da identidade humana, entendida como a natureza dos indivíduos; compreensão humana vem para abordar as relações humanas de um ponto de vista global; em seguida aparece a incerteza, que fala sobre as ciências e suas incertezas; o tema seguinte é a condição planetária, que abrange o destino comum para todos os seres humanos; o último aspecto a ser abordado é antropológico, que está baseado na consciência do ser humano como indivíduo e parte da sociedade.

Segundo Morin (2009), ouvir os educandos é a melhor forma para o educador investir na própria carreira. É um caminho para construir um ensino direcionado ao próprio educador e suas referências culturais.

A RELAÇÃO ENTRE A AFETIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO MENTAL E DA INTELIGÊNCIA

“A maior de todas as ignorâncias é rejeitar uma coisa sobre a qual você nada sabe.”
(H. Jackson Brown)

Não há como discutir a importância do afeto no funcionamento e desenvolvimento da inteligência. O afeto promove interesse, motivação e necessidade para a solução de problemas e oferecer respostas às perguntas. Portanto, para que seja constituída a inteligência, a afetividade é uma condição necessária, porém não é suficiente. (Piaget, 2009).

Como nos diz a autora Galvão (2008, p. 43),

Wallon vê o desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva. Cada fase tem um colorido próprio, uma unidade solidária, que é dada pelo predomínio de um tipo de atividade.

O psicólogo francês Henry Wallon diz que a emoção é a fonte do conhecimento. Izabel Galvão, uma estudiosa de Wallon chega a dizer que a estimativa de distância ou a percepção de distância é devida ao desejo de alcançar objetos distantes e não a própria distância dos objetos. Outra interpretação assegura que o afeto explica é a aceleração ou retardamento da formação das estruturas; aceleração no caso de interesse e necessidade, retardamento quando a situação afetiva é obstáculo para o desenvolvimento intelectual.

Então, o conhecimento dos sentimentos e das emoções requer ações cognitivas, da mesma forma que tais ações cognitivas pressupõem a presença de aspectos afetivos.

No trabalho educativo cotidiano não existe uma aprendizagem meramente cognitiva ou racional, pois os(as) educandos(as) não deixam os aspectos afetivos que compõem sua personalidade do lado de fora da sala de aula, quando estão interagindo com os objetos de conhecimento, ou não deixam “latentes” seus sentimentos, afetos e relações interpessoais enquanto pensam (Arantes, 2003).

Sob o olhar de Henri Wallon, inteligência e afetividade estão integradas, a evolução da afetividade depende das construções realizadas no plano da inteligência, assim como a evolução da inteligência depende das construções afetivas. No entanto, Wallon admite que ao longo do desenvolvimento humano existam fases em que predominem o afetivo e fases em que predominam a inteligência.

Portanto, é importante dizer que enquanto a emoção nos sinaliza a respeito do que está nos afetando e estabelece a meta para que possamos alcançá-la, a cognição nos ajuda a dar sentido à nossa experiência.

Wallon atribui à emoção um papel fundamental no processo de desenvolvimento humano. Quando há o predomínio da função cognitiva, estamos voltados à construção do real; já quando há o predomínio da função afetiva, estamos voltados para nós mesmos, fazendo uma elaboração do “eu”.

Dessa forma, a afetividade está relacionada ao processo ensino-aprendizagem, pois toda e qualquer demonstração de emoção faz parte do constituir-se como sujeito, a formação do “eu” propriamente dita, e, todo processo de educação também faz parte da construção do indivíduo.

Ainda de acordo com Galvão (2008, p. 63),

As emoções podem ser consideradas, sem dúvida, como a origem da consciência, visto que exprimem e fixam para o próprio sujeito, através do jogo de atitudes determinadas, certas disposições específicas de sua sensibilidade. Porém, elas só serão o ponto de partida da consciência pessoal do sujeito por intermédio do grupo no qual elas começam por fundi-lo e do qual receberá as fórmulas diferenciadas de ação e os instrumentos intelectuais, sem os quais lhe seriam impossíveis efetuarem as distinções e as classificações necessárias ao conhecimento das coisas e de si mesmo.

Portanto, em qualquer ambiente que esteja o indivíduo, seja ele clube, escola, casa, evangelização, universidade, onde quer que seja que o indivíduo conviva em sociedade, sempre estará se constituindo como ser humano. Assim, a construção do real acontece gradativamente, mas o aspecto afetivo continua muito presente.

Enquanto não dermos atenção aos aspectos afetivos na relação educador-educando, poderemos somente trabalhar com a construção do real, do conhecimento, deixando para trás a constituição do ser, que envolve valores e condutas para a formação de seu caráter, necessário para o seu desenvolvimento integral como cidadão. Segundo Freire (1996, p.141),

[...] o que dizer, mas, sobretudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de

fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano.

O autor, (Freire, 1996) assegura que expressar a afetividade não assusta, ao contrário, sela o compromisso com os educandos. Ainda afirma que não será melhor professor se for severo, frio e distante dos alunos; ressalta também que não se pode deixar a afetividade interferir na ética profissional para que haja um descumprimento do dever de professor e de sua autoridade. O autor atrela o querer bem à alegria de viver e ainda afirma que seriedade docente e alegria caminham paralelamente no processo de ensinar e aprender.

A DIDÁTICA PROFISSIONAL SOB ÓPTICA AFETIVA

Toda ciência tem como objetivo principal a formação integral do indivíduo.

A didática tem a necessidade de se fundamentar na educação e perguntar-se a todo tempo o que é e quem é o homem; o que é educar para saber o que é ensinar.

As teorias da educação orientarão todo processo didático-pedagógico e darão ao professor segurança para tomar suas decisões, assim, o professor estará pronto para dar andamento ao processo ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva, a educação podendo ser definida como um processo pelo qual as gerações adultas passam às gerações jovens a sua cultura e já que o ser humano vive, tem atitudes e convive em sociedade, dessa forma, ele, processo, influi e é influenciado pela sociedade, pela cultura, pelas ideias, pelo ambiente e por tudo aquilo em que ele tem participação. A influência recebida de outras gerações não deve ser entendida como bloqueadora, limitadora ou castradora, mas sim como libertadora do seu agir e pensar, para que possa ser aceita dentro de uma sociedade. A experiência já passada pelas gerações adultas ajuda a tirar proveito do que é válido e evitar o que não deu certo.

Sant'Anna & Menegolla (2007, p.216), afirmam que,

A educação não é simplesmente um processo de influência ao passado sobre o presente. Deve ser um processo que possibilite ao educando se auto educar, despertar a consciência e responsabilidade ante valores essenciais à vida. Um dos objetivos da educação é possibilitar que os jovens desenvolvam o próprio processo, que eles mesmos se realizem por meio da ação e do esforço pessoal para buscar e transformar os valores culturais do passado, adaptando-os à realidade.

Ainda, a partir desses autores, a formação do indivíduo, enquanto estudante deve ser direcionada a sua própria formação pessoal. As instituições de ensino superior não devem somente ver seus estudantes como um número, nem mesmo como uma mensalidade. É importante, também, perceber o quanto o indivíduo tem de transformação durante o ensino superior.

Portanto, as instituições de ensino deveriam ter como objetivo ajudar o jovem a ter capacidade de desenvolver suas próprias formas de cultura, suas habilidades pessoais para que ele mesmo seja capaz de refletir e aceitar sobre tudo que lhe é transmitido, com espírito crítico, independência, liberdade e consciência.

Outro autor nos fala que Martin Buber aplicou à Pedagogia os conceitos que usava em defesa da paz. Ele explica como, a seu ver, o processo educativo deve privilegiar a conversa e a cooperação entre as crianças. Para ele, saber se relacionar é mais importante do que ser, individualmente, bem-sucedido. E, ainda, que as relações interpessoais valem muito mais do que o sucesso individual. Por este prisma, estabelecer as boas relações na vida acadêmica é bastante interessante, pois a parceria estabelecida no meio acadêmico, provavelmente, continuará no âmbito profissional mais tarde, também salienta que cabe ao educador ensinar que a criatividade e o sucesso não representam nada isoladamente, mas se estiverem juntos criam consciência da participação nas coisas e da necessidade da reciprocidade (GOMES, 2009).

Porém, o próprio autor nos diz que a criança começa a perceber o mundo admirando o outro que o ajudará na constituição do seu próprio eu. Com o tempo esta criança deixará de ser egocêntrica e como indivíduo adulto perceberá que não é perfeito e ainda que vai sempre depender das relações, sejam elas mentais ou sociais, que estabelecerá com o outro (BUBER, 2009).

O caminho para a Educação é deixar-se guiar pela própria realidade, tendo um posicionamento que, mesmo suave, deve ser firme, pelo compromisso de revelar o que é certo e o que é errado. (BETÂNIA, 2009)

Ao fazer esta afirmação, a educadora do ensino superior afirma o quão importante são as relações interpessoais, sejam elas em quaisquer esferas ou modalidades de ensino. Assim sendo, de acordo com a educadora, ao adquirir um posicionamento firme e suave, por meio da afetividade estabelece-se o compromisso para a construção do saber.

As idéias de Buber ainda deram novos caminhos à Filosofia ao estabelecer relações entre a metafísica, que é o saber que questiona o que é a existência, e o humanismo, que tem como centro a preocupação com o homem e não com uma verdade absoluta que o exclui das indagações. Buber afirma a importância do outro na construção do conhecimento e pauta a importância do diálogo para o estabelecimento da verdade e, ainda, defendia a troca entre interlocutores afirmando que a consideração pelo outro é fundamental na troca de experiências e saberes.

Então, acredita-se que o objetivo da educação não pode ser outro senão o indivíduo. Permitir que o indivíduo fosse ele mesmo perante o mundo, sendo livre, responsável, dinâmico, autêntico, consciente e comprometido com o mundo, com a vida e consigo mesmo.

Sendo assim, um estabelecimento de ensino que se preocupa com a pessoa é o que verdadeiramente educará ajudando o indivíduo a ser feliz; criando condições para um mundo melhor e a viver a paz que promove a fraternidade e o amor. Isso será construído por meio de uma educação planejada e que tem o homem como pessoa e como objetivo a formação do homem completo. Em contrapartida, o estudante não é apenas um ser racional é também um indivíduo que possui emoções e que se dispõe, que ama e quer ser amado.

Contudo, o professor que se preocupa com a pessoa é o professor que educa e educar a pessoa é evitar a exploração, a avareza, a ganância, o orgulho e a violência. Dessa forma, o homem é o único ser que ama e que neste ato do amor está repleto da consciência de doação, ou seja, é um amar sem medida e sem esperança de recompensa. Perante esta afirmação, os autores ainda questionam se as escolas se preocupam com a pessoa como ser voltado para o amor, ou ainda, se as instituições de ensino vêem o estudante como pessoa ou simplesmente como filipeta de pagamento de mensalidade (SANT'ANNA e MENEGOLLA, 2007).

Educar com amor e para o amor, enobrece, realiza, liberta e conscientiza. A pessoa se torna feliz e autêntica, honesta e bondosa, sábia e corajosa, humilde e segura. Por isso, o educador deve se preocupar com a pessoa como um ser voltado para o amor e educar com amor, e não só para o amor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa foi realizado por meio de uma revisão da literatura e análise referentes às concepções afetivas dentro de todo processo de ensino-aprendizagem e qual a sua relevância a praxis pedagógica.

Nessa concepção, a evolução da afetividade depende de realizações no plano da inteligência, da mesma forma que a evolução da inteligência depende de construções afetivas.

Portanto, o processo de desenvolvimento humano está diretamente ligado à emoção e toda e qualquer demonstração de emoção faz parte da constituição do sujeito.

Por fim, a pesquisa foi de grande valia, pois a afetividade na esfera educacional, dentro de toda questão ética que ela exige, é parte integrante de toda a constituição do processo de aprendizagem, da formação do indivíduo na sua totalidade sob o prisma de que com amor tudo se constrói.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, V. A. (org.) **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo. Summus, 2003.
- ARANTES, V. A. **Afetividade e Cognição: Rompendo a Dicotomia na educação**. www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm Acesso em 09 de fevereiro de 2022.
- BARTHOLO, D. A. R. **Planejo, logo improviso: a sensibilidade na prática docente de professores de ensino médio**. São Bernardo do Campo, 2005.
- BETÂNIA, M. S. **Revista Nova Escola**. Ed. Abril. Setembro, 2009.
- BUBER, M. **Revista Nova Escola**. Ed. Abril. Setembro, 2009.

DANTAS, H. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: DE LA TAILLE, **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo. Summus, 1992.

FERREIRO, E. **Alfabetização em processo**. São Paulo. Cortez, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2008.

GOMES, M. **Revista Nova Escola**. Ed. Abril. Setembro, 2009.

LA TAILLE, Y.; CORTELLA, M. **Nos labirintos da moral**. Campinas. Papirus, 2001.



Tânia de Jesus Alves

Pós-graduada em Neuropsicopedagogia, Educação Especial e Inclusiva, Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI), SP. Pós-graduada em Direito Educacional, Faculdade Mozarteum de São Paulo (FAMOSP), SP. Aperfeiçoamento e Docência do Ensino Superior, Universidade Bandeirante (UNIBAN), SP. Graduada em Pedagogia, Universidade Guarulhos (UnG), Guarulhos, SP. Professora de Educação Básica, Prefeitura de Guarulhos, Guarulhos, SP. Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.



ORGANIZAÇÃO:

Andreia Fernandes de Souza
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Adriana Santos Morgado
Alecina do Nascimento Santos
Alessandro Rodrigues da costa
Cristiana Ferreira Sousa Neves
Daniela da Silva Souza Santos
Diego Daniel Duarte dos Santos
Dulcilene dos Santos Lopes Siqueira
Evelice de Souza Evangelista
Giselle de Araujo Meneguetti Paganelli
Joseneide dos Santos Gomes
Juliana Aparecida Aparecida Pinheiro de Araujo
Laura Veiga Antoniazzi Fernandes da Silva
Marta Batista Justino Caetano
Mineiva Medina Rodrigues Silva
Patrícia Mendes Cavalcante de Souza
Rafaela Figueiredo de Oliveira
Renato Souza de Oliveira Carvalho
Simoni Alves Pereira Almeida
Tânia de Jesus Alves
Terezinha Joana Camilo
Vanessa Izidorio de Arruda Domingues



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.25>

Produzida com utilização de softwares livres



www.primeiraevolucao.com.br

Filiada à:

